

Uma visão ecológica do cerrado brasileiro: os trabalhos de Henrique Pimenta Veloso

Magali Romero Sá*
Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz

No início da década de 1940 foram iniciados no Instituto Oswaldo Cruz estudos ecológicos sobre a vegetação do Centro Oeste do Brasil. À frente desses estudos estava o engenheiro agrônomo Henrique Pimenta Veloso (1917-2003), recém-contratado pela Instituição.

Essa nova orientação na Instituição ocorreu por iniciativa do novo diretor Henrique de Beaurepaire Aragão, pesquisador da Instituição desde 1908 e que assumiu a direção do Instituto em 1942. Aragão conhecia bem os problemas de saúde da população brasileira e, principalmente, a do interior do Brasil. Estava desde a última epidemia de febre amarela, ocorrida em 1929, empenhado nos estudos dos principais vetores da febre amarela silvestre e de seus habitats trabalhando junto a Fundação Rockefeller e ao Serviço Especial de Profilaxia da Febre Amarela. Aragão instituiu novas linhas de pesquisa na Instituição atraindo jovens pesquisadores. Tinha especial interesse pelo estudo da vegetação brasileira, dos diferentes biomas associados ao estudo dos principais vetores de doenças endêmicas e epidêmicas que assolavam o país. Já no primeiro ano de sua gestão, foi criado o Horto Botânico para o cultivo de plantas medicinais brasileiras, sendo contratado para dirigi-lo Henrique Pimenta Veloso, na época trabalhando como auxiliar de naturalista do Museu Nacional, onde havia iniciado seus trabalhos fitogeográficos.

Uma das primeiras incumbências de Veloso foi a de fazer o levantamento da flora da Serra dos Órgãos em Teresópolis (RJ) e paralelamente estudar a febre amarela silvestre em conjunto com os técnicos da Fundação Rockefeller. A febre amarela silvestre havia sido descoberta em 1932 pelos técnicos da Fundação quando atuando em estudos epidemiológicos realizados no Vale do Canaã, Espírito Santo. Atuando no Brasil desde o início dos anos 1920, a Fundação Rockefeller com apoio do governo e técnicos brasileiros teve papel atuante no combate a doença com a descoberta do agente causal, o combate ao vetor urbano *Aedes aegypti*, a descoberta do ciclo silvestre e de seu vetor, o mosquito do gênero *Haemagogus*, e a elaboração de uma vacina para prevenção da doença. Apesar de

* Endereço Profissional – Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz. Departamento de Pesquisa. Av. Brasil, 4036, s. 400. Manguinhos, RJ. CEP – 21040-361. E-mail: magali@fiocruz.br

não ter renovado o contrato com o governo brasileiro em 1939, levando o governo brasileiro a criar o Serviço Nacional de Febre Amarela em 1940, a Fundação Rockefeller manteve o controle do laboratório que mantinha em Manguinhos até 1947, e que se denominava Serviço de Estudos e Pesquisas sobre Febre Amarela (SEPFA), conforme assinalado por Jaime Benchimol em seu trabalho sobre a febre amarela. [*Febre amarela: a doença e a vacina, uma história inacabada*. Editora Fiocruz, 2001].

Em 1944 Pimenta Veloso fazia outros levantamentos para a Fundação Rockefeller tendo viajado para Ilhéus para fazer o levantamento florístico e verificar a correlação ecológica entre vegetação e vetores da febre amarela silvestre. Nessa ocasião coletou também para o Museu Nacional.

No ano de 1945 chegou ao Rio de Janeiro o ecologista canadense Pierre Dansereau a convite do governo brasileiro. Dansereau que estava interessado em verificar nos trópicos os estudos que vinha desenvolvendo sobre os processos de sucessão e colonização, seria responsável por impulsionar os estudos fitogeográficos no país e a institucionalização dos estudos em ecologia vegetal em instituições como o Museu Nacional e o Instituto Oswaldo Cruz.

Professor da Universidade de Montreal e já amplamente reconhecido como autoridade na área de ecologia vegetal, Dansereau chegou ao Brasil em setembro de 1945 a convite do governo brasileiro. Como bolsista oficial do governo, Dansereau ficou lotado no Museu Nacional, na divisão de Botânica. Além de desenvolver um plano de pesquisa para ser realizado durante os dois anos em que ficaria no Brasil, Dansereau ofereceu também um curso sobre “Os planos da Biogeografia”. O curso, realizado sob os auspícios do Museu Nacional, foi divulgado a todas as instituições brasileiras, sendo as aulas ministradas nas dependências da Divisão de Caça e Pesca do Ministério da Agricultura, na Praça 15 de Novembro, no Rio de Janeiro. Além dos pesquisadores do Museu Nacional, vários outros, de diferentes instituições, atenderam ao curso, dentre os quais Gustavo de Oliveira Castro e Henrique Pimenta Veloso do Instituto Oswaldo Cruz. Esses dois pesquisadores, juntamente com Segadas-Vianna do Museu Nacional, participaram como auxiliares de Dansereau em suas excursões científicas e em seus estudos sobre os processos de sucessão e colonização relativos à vegetação das restingas e de ambientes de altitude. Como consequência, se tornaram os primeiros discípulos do mestre canadense no Brasil a inaugurar novas linhas de

pesquisa em ecologia em suas respectivas instituições. Dansereau introduziu no Brasil o método de análise de sociologia vegetal criado por seu professor Braun-Blanquet na década de 1930. Os ensinamentos aprendidos sobre fitossociologia com Dansereau no Brasil foram imediatamente aplicados por Pimenta Veloso nos estudos que ainda estava terminando na Bahia.

Em junho de 1946, incumbido pela direção do Instituto Oswaldo Cruz de estudar a ipeacuanha e a sinecologia [ou ecologia comunitária, ramo da ecologia que estuda as comunidades de seres vivos, nomeadamente a distribuição, abundância, demografia e relações ecológicas entre populações coexistentes] do cerrado no Estado do Mato Grosso, Pimenta Veloso iniciou seus estudos sobre a região realizando duas viagens importantes viagens entre 1946 e 1947. Como ele mesmo enfatizou, o cerrado já então bem conhecido sob o ponto de vista da sistemática, era quase desconhecido quanto ao papel das espécies dentro das associações e das suas reações aos habitats. O resultado de suas primeiras análises sobre a sucessão no cerrado foi publicado nas *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* em dezembro [Veloso, P. Considerações gerais sobre a vegetação do Estado de Mato Grosso. I. Notas preliminares sobre o cerrado, v. 44, n. 4, 1946]. Em novembro daquele mesmo ano, uma nova viagem foi empreendida a Mato Grosso com o objetivo de estudar o pantanal Mato-grossense para analisar as associações de zona de transição entre o cerrado e as matas pluviais amazônicas e completar os dados da viagem anterior. Na publicação dos resultados dessa excursão, Pimenta Veloso registrou haver completado o programa de estudo proposto porque “não só conseguiu dados interessantes sobre o Pantanal e as zonas de transição mas, também, fez o resto das análises fitossociológicas que faltava para terminar os estudos preliminares sobre a sinecologia do cerrado do Estado de Mato Grosso”. [Veloso, P. Considerações gerais sobre a vegetação do Estado de Mato Grosso. II - Notas Preliminares sobre o Pantanal e zonas de transição. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, v. 45, n. 1, 1947, p.253].

Em junho de 1947 Pimenta Veloso foi convidado a integrar uma das comissões formadas para estudar a melhor localização da nova capital do Brasil. Para resolver problemas conflitantes em relação à localização da capital no estado de Goiás ou no de Minas Gerais, a “Comissão de Estudos para a Localização da Nova Capital do Brasil” instituída pelo governo de Eurico Dutra, solicitou ao Conselho Nacional de Geografia que formasse

comissões de estudo de campo. Duas expedições foram organizadas: a primeira sob a chefia do geógrafo francês Francis Ruellan, professor do Curso de Aperfeiçoamento dos Geógrafos do Conselho, e a segunda chefiada pelo geógrafo alemão Leo Waibel, assistente-técnico contratado do Conselho Nacional de Geografia.

Pimenta Veloso foi indicado a fazer parte da comissão chefiada por Ruellan. Ele havia acabado de chegar de uma excursão a Minas Gerais onde, junto com membros da Fundação Rockefeller, havia estudado a associação dos mosquitos transmissores da febre amarela com a vegetação local. O convite para excursionar por Goiás e estudar as condições fitoecológicas e biogeográficas da região era para Veloso a oportunidade que faltava para que fossem complementados os estudos que fizera no Estado de Mato Grosso e Minas Gerais sobre a importância do cerrado como uma unidade climática e o papel que o mesmo desempenhava na configuração biogeográfica do Brasil.

A expedição aconteceu entre 27 de junho e 1 setembro com o objetivo de estudo detalhado de oito pré-áreas selecionadas, além das regiões situadas entre essas áreas, a fim de propor sítios específicos para a nova capital. Para fazer o trabalho, Francis Ruellan contou com dezenas de pessoas desde os seus alunos e ex-alunos formados em Geografia, mas também diferentes especialistas em geodésia, flora, fauna etc. em um total de 40 cientistas. O resultado do trabalho de Veloso, intitulado “Considerações sobre a vegetação do estado de Goiás: notas preliminares sobre a fitossociologia do Planalto Central Brasileiro” foi publicado nas *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, v. 46, n. 1, em 1946.

As suas observações sobre o cerrado seriam enfileiradas no Atlas Fitogeográfico do Brasil publicado por ele em 1966. Em 1967, Veloso fará a ainda uma viagem ao sul de Mato Grosso para estudar a vegetação sob seu aspecto fisionômico a pedido do Ministério da Agricultura e do IBRA que haviam firmado convênio para discriminar terras para colonização [*Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, v. 68, n. 1, 1970].

Além da importante contribuição de Veloso para o entendimento dos biomas brasileiros, foi ele o responsável pelo estabelecimento de uma escola de fitogeografia e pela formulação das bases para a criação de um Sistema Fitogeográfico Brasileiro.